

**VICISSITUDES DO EXÍLIO:
PERCALÇOS E ANGÚSTIAS NA TRAJETÓRIA DAS IRMÃS GARCÍA
EM *HOW THE GARCÍA GIRLS LOST THEIR ACCENTS* E *¡YO!***

Priscila CAMPELLO
PUC Minas
priscilaccampello@yahoo.com.br

Resumo: O presente texto pretende examinar o desequilíbrio emocional vivido por Yolanda García e sua irmã Sandra, retratado nos romances *How the García girls lost their accents* e *¡Yo!* de Julia Alvarez. Para isso, será analisado o relacionamento de Yolanda com um de seus maridos, o norte-americano John, a fim de se demonstrar como a língua desempenha papel fundamental nas relações entre pessoas de diferentes culturas e *backgrounds*. Relativamente à Sandra, a discussão terá como foco sua dificuldade para lidar com o seu corpo e sua realidade no exílio. A forma como ambas recorrem à literatura, durante suas crises emocionais, também será enfatizada. Pode-se dizer que todas essas questões acima relacionadas são inicialmente geradas por um sentimento de deslocamento, de não-pertencimento e de insegurança que os imigrantes experimentam ao se depararem com as novas e diferentes situações impostas pelo país hospedeiro, podendo, posteriormente, tal sentimento culminar em uma aprendizagem acerca da necessidade de uma constante negociação entre o velho e o novo, o familiar e o diferente, o aceitável e o viável, como única maneira possível de sobreviver em meio ao inusitado inerente às novas e inimagináveis circunstâncias.

Palavras-chave: exílio; angústia; deslocamento; *How the García girls lost their accents*; *¡Yo!*,

Há vários fatores a serem considerados quando se trata da literatura produzida em torno de aspectos concernentes à vida dos imigrantes no exílio. Cada um desses aspectos afeta esses indivíduos e influencia, de maneira positiva ou negativa, a sua adaptação e convivência no novo lugar. Em seus romances *How the García girls lost their accents* e *¡Yo!*, Julia Alvarez relata passagens que marcam a experiência de suas personagens nos Estados Unidos, uma vez que a presença de elementos de identificação cultural, como língua, aparência física, costumes, apenas para citar alguns, ajuda a delinear o sentimento desses indivíduos em relação ao novo lugar, assim como contribui para a forma como eles lidarão com a vida no exílio e com a memória do lugar de origem.

O presente texto pretende examinar o desequilíbrio emocional vivido por Yolanda García e sua irmã Sandra, provocado pelo deslocamento para o exílio, pela condição hifenizada que elas vivenciam, como também pela rigidez de uma educação católica e conservadora, baseada nas tradições dominicanas e nos traumas causados pela vida sob um regime ditatorial. Para isso, será analisado o relacionamento de Yolanda com um de seus maridos, o norte-americano John, a fim de se demonstrar como a língua desempenha papel fundamental nas relações entre pessoas de diferentes culturas e *backgrounds*. Relativamente à Sandra, a discussão terá como foco sua dificuldade para lidar com o seu corpo e sua realidade no exílio. A forma como ambas recorrem à literatura, durante suas crises emocionais, também será enfatizada. Pode-se dizer que todas essas questões acima relacionadas são inicialmente geradas por um sentimento de deslocamento, de não-pertencimento e de insegurança que os imigrantes experimentam ao se depararem com as novas e diferentes situações impostas pelo país hospedeiro, podendo, posteriormente, tal sentimento culminar em uma aprendizagem acerca da necessidade de uma constante negociação entre o velho e o novo, o familiar e o

diferente, o aceitável e o viável, como única maneira possível de sobreviver em meio ao inusitado inerente às novas e inimagináveis circunstâncias.

Segundo Heather Rosario-Sievert (1997, p.132), “[...] em todo o romance *García girls*, há vários casos de identidades e personalidades em crise, e as crises geralmente têm como base a língua”.¹ O quarto capítulo do romance, intitulado “Joe”, é um claro exemplo das dificuldades encontradas pelo indivíduo bilíngue e bicultural, no caso, Yolanda, para se relacionar na nova língua por ele adquirida no país hospedeiro. Trata-se também da relação conflituosa de Yolanda com as duas línguas e da forma como ela passa a lidar com o mundo e consigo mesma tendo ambas as línguas como alternativa.

A primeira questão a ser discutida aqui se refere ao termo que dá nome ao capítulo e que serve como apelido de Yolanda nos Estados Unidos: a palavra “Joe” é a aproximação sonora encontrada no inglês para a forma reduzida em espanhol do nome de Yolanda — “Yo”. É importante lembrar que o termo “yo”, título de um dos romances analisados neste trabalho, *¡Yo!*, refere-se, em espanhol, ao pronome pessoal para a primeira pessoa do singular, eu, assim como a um dos apelidos de Yolanda, também em espanhol. Digo em espanhol, porque, ao ser pronunciado, em inglês, o termo transforma-se em “joe”, como explicitado anteriormente. A utilização do termo nos romances está carregada de ambiguidades e multiplicidade de interpretações, pois ele tanto pode se referir carinhosamente a Yolanda, como fazia sua família, por exemplo, quanto a esse “eu” (*yo*) que Yolanda procura construir na sua constante busca identitária. No caso do romance *¡Yo!*, narrado por 16 personagens ligadas a Yolanda e não por ela própria, não há nenhuma fala diretamente produzida por ela, o que nos leva a perceber que todos os “eus” que aparecem ao longo do texto são “eus” construídos por outros, a partir das suas memórias e não “eus” percebidos pela própria personagem. Ela não se posiciona enquanto “eu, Yolanda”, mas sim como um “eu” visto e lembrado por outros, já que cada capítulo apresenta uma história passada entre a personagem-narradora e ela. Assim, o título do romance refere-se a uma Yolanda fragmentada, porém múltipla, pela variedade de pontos de vista, como também pela sua complexidade enquanto um sujeito híbrido, movente e bicultural.

Chamar Yolanda de “Joe”, nome pouco comum para mulheres, coloca a personagem em uma posição dúbia, desfeminizada (ROSARIO-SIEVERT, 1997, p.132), refletindo novamente a sua própria condição exílica cercada de dúvidas, questionamentos, contradições. Se “Joe” não esclarece o gênero do indivíduo que recebe essa denominação, tampouco Yolanda consegue se definir e posicionar entre as duas culturas e duas línguas em torno das quais ela vive. Quem é ela, afinal? Suas máscaras vão aparecendo ou caindo conforme suas necessidades e vontades.

Para o marido norte-americano John, Joe é forma simplificada de “Joe-lan-dah”, conforme sua pronúncia americanizada do nome Yolanda. Em uma passagem pseudorromântica e poética, em que o casal brincava de rimar palavras com seus nomes, John não consegue encontrar nenhuma palavra que rime com “Yolanda”. Diante do insucesso, Yolanda sugere que Joe, conforme ela mesma exemplifica, rima com “doe, roe, buffalo” (ALVAREZ, 1992, p.71). Insatisfeitos com a evolução da brincadeira, Yolanda sugere uma outra possibilidade, que seria rimar *I* com *sky*, traduzindo assim dois termos em espanhol, *yo* e *cielo*. John, porém, rejeita a ideia de Yolanda, pois queria que a rima fosse com Joe e não com alguma palavra desconhecida do seu limitado universo “monolíngue”. De acordo com M. M. Adjarian (2004, p.124), essa passagem

[...] sugere que o monolíngüe, monocultural John não consegue aceitar Yolanda/Yo/Joe como a mulher multifacetada, multicultural que ela é. Ele

¹ “[...] throughout the *García Girls*, there are various instances of identities and personalities in crisis, and the crises often have language at their root”.

deve construir ativamente uma identidade para ela usando uma palavra que tanto domestica quanto rebaixa o que ele não compreende.²

Isso equivale a dizer que ele não aceita que Yolanda recorra à sua língua materna, não aceita uma mulher bilíngue, bicultural, lançando mão de um outro recurso, uma outra língua, no caso, para dar continuidade a uma simples brincadeira. Para Yolanda, na verdade, ela “[...] estava correndo, como os loucos, para a segurança de sua primeira língua, onde o orgulhosamente monolíngüe John não poderia alcançá-la, mesmo se ele tentasse”³ (ALVAREZ, 1992, p.72). Ela foge do campo de ação e alcance dele e corre para o conforto e a segurança de seu apelido em espanhol, na língua em que se sente mais segura, como se, ao pronunciar “Yo”, ela fosse transportada para um mundo em que nada lhe atingiria ou ameaçaria. O mundo da língua materna, em questão, seria o mundo em que o perigo ficaria de fora, o mundo em que o acesso só fosse permitido àqueles que também dominassem o mesmo código. E o fato de John não ter acesso a esse mundo suscita em Yolanda alívio, já que ali ela poderia ser ela mesma, controlando a situação. No entanto, há também o aparecimento de uma certa consciência da falta de sintonia desse relacionamento e da sua própria postura submissa e conciliatória para poder viver bem com o marido. Diante da rima em espanhol, John retruca com um “[o] que você precisa é de um maldito psiquiatra!”⁴, o que leva Yolanda ao seguinte comportamento:

Ela disse aquilo apenas porque eles eram diferentes, aquilo não era motivo para fazê-la se sentir louca por ser ela mesma. No final das contas, ele era simplesmente tão louco quanto ela. Meu Deus! ela pensou. Estou começando a falar igual a ele! Ela riu, ainda meio apaixonada por ele. “Okay, okay,” ela admitiu. “Nós dois somos loucos. Então, vamos os dois ao psiquiatra”. Ela recuou, adotando a língua dele apenas para convencê-lo⁵ (ALVAREZ, 1992, p.73).

Usar o idioma do “outro” para agradá-lo, para não criar conflito, para convencê-lo a fazer algo, para manipulá-lo, para conseguir lidar com ele, entre outras tantas razões, são estratégias para se adaptar e se comunicar com o “outro”. Ao voltar à língua de John, Yolanda não está apenas adaptando-se ou cedendo, mas também enfatizando para ele que o opressor/colonizador ainda tem mais poder que o oprimido/colonizado. A língua dele vence e a vontade dele impera. Yolanda não tenta convencê-lo nem mostrar a ele que o fato de ela usar a sua primeira língua não demonstra qualquer sinal de insanidade ou desequilíbrio; muito pelo contrário, e esta é uma prática bastante comum exercida por qualquer estrangeiro. A língua materna funciona como um escudo, uma proteção, uma saída. Não utilizá-la e manter-se sempre ligado à língua do “outro” é ignorar a sua identidade primária. Ao recorrer a ela, o estrangeiro está, de fato, resguardando-se, mas também se autoafirmando e definindo seu espaço. Em outras palavras, ele está mostrando uma capacidade peculiar ao indivíduo bilíngue que é a de ser flexível, de poder ir e vir também linguisticamente. O sujeito que aceita duas línguas reconhece-se como um sujeito no entrelugar. No episódio acima, Yolanda recua como

² “[...] suggests that the monolingual, monocultural John cannot accept Yolanda/Yo/Jo as the multifaceted, multicultural woman she is. He must actively construct an identity for her using a word that both domesticates and demeans what he does not understand”.

³ “[...] was running, like the mad, into the safety of her first tongue, where the proudly monolingual John could not catch her, even if he tried”.

⁴ “[w]hat you need is a goddam shrink!”

⁵ “She said that just because they were different, that was no reason to make her feel crazy for being her own person. He was just as crazy as she was if push came to shove. My God! she thought. I’m starting to talk like him! Push comes to shove! She laughed, still half in love with him. ‘Okay, okay,’ she conceded. ‘We’re both crazy. So, let’s both go see a shrink.’ She winced, taking on his language only to convince him”.

uma estratégia de sobrevivência no jogo relacional. Naquele momento, ela não se dispõe a travar um embate com John, seja por ter a consciência desse lugar duplo que ocupa, seja por medo de desagradar seu parceiro e, em consequência, fracassar sentimentalmente. Observa-se que, ao longo do romance, os relacionamentos amorosos da protagonista não são longos, duradouros e nem promissores, e constata-se que é assim também que se definirá o que ocorre entre ela e John.

Percebe-se, no decurso do capítulo, a deterioração do relacionamento dos dois. Além da questão linguística, evidente na falta de sensibilidade e abertura de John para lidar com sua esposa bilíngue, as expectativas sexuais de cada um também aparecem como um ponto de discórdia. Eles não conseguem estabelecer outras formas de comunicação não verbal. Sexualmente, eles também falam línguas diferentes. John não percebe que Yolanda apresenta barreiras para lidar com o sexo. Ele ignora a sua origem dominicana e católica, que pouco ou nada ensina as mulheres sobre sexo e muito menos as estimula a ter relações prazerosas. Embora Yolanda e suas irmãs tenham chegado aos Estados Unidos ainda crianças, pré-adolescentes, elas haviam frequentado colégios internos católicos escolhidos criteriosamente por seus pais, e toda a educação extraescolar dada a elas transcorria dentro dos mais tradicionais princípios da conservadora cultura dominicana. Ibis Gómez-Vega (1999, p.91) confirma minhas palavras, ao afirmar que

[o] problema de Yolanda com os homens surge da consciência de que fala uma língua diferente da língua dos homens pelos quais ela se apaixona, mas a língua também está associada ao conhecimento e experiência carnal, duas áreas que a católica menina dominicana não domina muito bem.⁶

O descompasso sentimental existente entre eles leva Yolanda a abandonar o marido e voltar para a casa dos pais, para o aconchego daqueles que falam a mesma língua que ela, para o ambiente mais familiar e seguro que havia no seu mundo pouco estável e fixo. Lá, porém, ela dá sinais claros de desequilíbrio mental. “Ela falava demais, tagarelava o tempo todo. Falava dormindo, falava enquanto comia [...]. Falava usando comparações, falava por charadas. [...] Ela citava versos famosos de poesia e as frases de abertura dos clássicos”⁷ (ALVAREZ, 1992, p.79). Esse pequeno excerto é bastante simbólico, porque mostra a necessidade de Yolanda de se expressar, de falar mesmo que de forma desorganizada, como a própria construção do romance, e ininterrupta, como se até aquele momento ela tivesse sido silenciada de várias formas.

Abro aqui um parêntese para explicar a estrutura do romance em questão. *How the García girls lost their accents* é dividido em três partes, seguindo uma cronologia inversa. A primeira compreende os anos de 1972 a 1989, a segunda parte vai de 1960 a 1970, e a terceira, de 1956 a 1960. Não só a ordem das partes é inversa, mas também a organização de cada capítulo dentro dessas partes. Desse modo, o primeiro capítulo do romance ocorre em 1989, e o último, em 1972. Outro elemento relevante dessa construção é a alternância das vozes narrativas. Para cada capítulo, há um narrador diferente, ora uma das filhas, ora um dos pais. Porém se percebe que, dentre todas essas vozes, destaca-se a de Yolanda, pois, dos 15 capítulos, ela narra 10. Tanto a ordem dos capítulos quanto a alternância das vozes do romance apontam para um exercício de reconstrução da memória. À medida que os fatos são

⁶ “Yolanda’s problem with men springs from her awareness that she speaks a language different from the language of the men with whom she falls in love, but language is also associated with carnal knowledge and experience, two areas in which the Catholic Dominican girl is not well versed”.

⁷ “She talked too much, yakked all the time. She talked in her sleep, she talked when she ate [...]. She talked in comparisons, she spoke in riddles. [...] She quoted famous lines of poetry and the opening sentences of the classics”.

narrados, as lembranças vêm à tona e são registradas. Devido a isso, então, tem-se a ausência de uma cronologia linear e definida.

Precisamente no capítulo citado, “Joe”, as falas de Yolanda não seguem uma ordem lógica e coerente. É como se um botão houvesse sido acionado, desencadeando a liberação de todo o conhecimento literário armazenado em sua memória. O fato de recorrer à literatura, não apenas na referência a autores clássicos e passagens de seus textos, mas também na forma como ela faz essas referências: comparações, charadas, cantos, rimas, fluxos de consciência — “Yo citava acertada e equivocadamente, afundando-se nos fluxos alagados de sua consciência”⁸ (ALVAREZ, 1992, p.80) — demonstra a possível segurança que Yolanda encontrava nesse universo literário, ou seja, para a personagem, a literatura configurava-se como uma zona de conforto e de possível estabilidade e resposta aos seus questionamentos. Recitar, cantar, citar em voz alta repetidamente aponta para um autoprocesso de elaboração e exorcismo, como se a repetição fosse a garantia de que ela encontraria alguma resposta.

Já o seu relacionamento com o marido John, tendo em vista que ele não aceitava suas diferenças culturais e linguísticas e desejava que ela se ajustasse e se adequasse ao seu limitado mundo, leva-me a afirmar que Yolanda fora completamente dominada e silenciada por um típico WASP, personificado pelo norte-americano. Segundo a especialista em literatura latino-americana Jacqueline Stefanko (1996, p.60), “[a] língua transversal que Yolanda utiliza faz com que John a classifique como louca. A diferença entre eles e o seu poder como um homem anglo-americano branco ameaça dividir Yolanda”.⁹ Essa divisão psicológica manifesta-se também no bilhete que Yolanda deixa para John ao sair de casa, cujo conteúdo gera um certo repúdio por parte de Yolanda, já que ela não suportava mais esse sentimento/personalidade/identidade fragmentados:

*Vou para a casa dos meus pais até que minha cabeça-barra-coração desanuvie. Ela revisou o bilhete: Estou precisando de um pouco de espaço, um pouco de tempo, até que minha cabeça-barra-coração-barra-alma – Não, não, não, não queria se dividir mais, três pessoas em uma Yo*¹⁰ (ALVAREZ, 1992, p.78; grifo da autora).

O fim do relacionamento com John evidencia mais um fracasso amoroso de Yolanda, associado à incapacidade para se comunicar com homens norte-americanos e também à imaturidade e falta de “conhecimento e experiência carnal” suficientes para levar seus relacionamentos adiante. Seu desenvolvimento sexual e relacional não tinha ocorrido no mesmo ritmo e maneira do desenvolvimento das mulheres norte-americanas, o que causa estranhamento tanto a esses homens acostumados com um outro tipo de mulher quanto a Yolanda, que vem de uma cultura na qual os homens ditam as regras na cama também.

Em um episódio ocorrido quando ainda era uma estudante universitária, por exemplo, ela demonstra dificuldades para compreender metáforas e alusões a sexo escritas por um colega em um exercício feito para a aula de inglês. “Seu conhecimento de inglês é bom o bastante para permitir que ela tire boas notas nas aulas, mas ela não consegue entender muito bem a língua quando esta é usada com nuances de significados”¹¹ (GÓMEZ-VEGA, 1999, p.91). Esse fato novamente remete à rígida educação recebida pelas irmãs García dentro de

⁸ “Yo quoted and misquoted, drowning in the flooded streams of her consciousness”.

⁹ “Yolanda’s transversal of language results in John’s condemnation of her as crazy. Their difference and his power as a white Anglo-American male threatens to split Yolanda”.

¹⁰ “I’m going to my folks till my head-slash-heart clear. She revised the note: I’m needing some space, some time, until my head-slash-heart-slash-soul – No, no, no, she didn’t want to divide herself anymore, three persons in one Yo”.

¹¹ “Her knowledge of English is good enough to let her make good grades in her classes, but she cannot really understand the language when it is used with hidden shades of meaning”.

casa e na escola secundária, sem explicações nem acesso a qualquer tipo de informação sobre o assunto.

Nos Estados Unidos, Yolanda não tinha grupos de amigas com quem ela poderia discutir as mudanças no seu corpo, e as meninas que ela conhece na ilha são apenas amigas de verão ou suas primas, não os tipos de amigas a quem boas meninas católicas fariam essas perguntas. As americanas na escola nem mesmo conversam com as dominicanas, e aquelas que conversam com elas não são amigas muito próximas para se fazer essas perguntas. Desse modo, a sexualidade de Yolanda é influenciada por sua habilidade ou inabilidade para usar a língua inglesa, e seus relacionamentos com os homens são influenciados da mesma forma¹² (GÓMEZ-VEGA, 1999, p.92).

As palavras finais do bilhete para John retratam a angústia e o sofrimento sentidos por Yolanda. Elas falam para além da dor da separação. Na verdade, são palavras que dizem respeito ao desespero e inquietação do sujeito deslocado. Yolanda não quer mais sentir-se dividida, não compreendida, estrangeira. O fracasso do relacionamento com o marido metaforiza a condição exílica, em que o sujeito exilado sente-se perdido e confuso. Como ocorreu com Yolanda em relação a John, o exilado também não consegue se comunicar, também sofre com a insensibilidade daqueles que não aceitam nem compreendem sua condição dupla, também se angustia com a fragmentação interior inerente ao seu estado. O forte desejo pelo retorno surge como consequência dessa angústia causada pelo confronto com um lugar desconhecido, com uma língua que se está apreendendo, com costumes e hábitos diferentes, com todas as novidades e diferenças existentes no país hospedeiro, que, muitas vezes, são bastante sutis, mas que são marcantes e incômodas para quem não as conhece e é forçado a fazer parte desse universo. Retornar ao suposto lar pode, desse modo, significar a eliminação desse sentimento.

Como se viu, o exílio desencadeou em Yolanda um período de desequilíbrio mental que culminou na sua internação em um hospital psiquiátrico. O romance *How the García girls lost their accents* revela que sua irmã, Sandra, também precisou ser internada devido a distúrbios emocionais e dificuldade para lidar com o seu corpo e sua realidade no exílio. M. M. Adjarian (2004, p.122) explica que

[t]odos os membros da família sofrem tanto pessoal quanto socialmente como resultado de ter que fugir de um país literalmente comprado e controlado por um homem. Entretanto, o conflito entre capital e memória se encena mais dramaticamente nos colapsos nervosos sofridos por duas filhas de Carlos, Sandi e Yolanda. Embora o dinheiro possa ter encorajado o esquecimento da família e recompensado os desejos sociais (socializados) dos García, o trauma duplo de doutrinação no sonho americano e o exílio forçado se manifesta nos corpos adultos e nas vidas (eróticas) de Sandi e Yolanda.¹³

¹² “In the United States, Yolanda has no group of friends with whom she can discuss the changes in her body, and the girls whom she knows in the Island are only summer friends or cousins, not the types of friends of whom proper Catholic girls would ask such questions. The American girls at school do not even speak to the Dominican girls, and the ones who speak to them are not good enough friends to be asked those questions. Thus, Yolanda’s sexuality is influenced by her ability or inability to use the English language, and her relationships with men are likewise influenced”.

¹³ “All family members suffer both personally and socially as a result of having to flee a country literally bought up and controlled by one man. However, the conflict between capital and memory plays itself out most dramatically in the breakdowns suffered by two of Carlos’s daughters, Sandi and Yolanda. Although money may

A crise de Sandra liga-se ao desejo obsessivo por um corpo magro. Vale lembrar que, no auge dos anos 1960, quando a macérrima modelo Twiggy destacava-se como o maior ícone de beleza ocidental, as meninas da família García estavam em plena adolescência e descoberta de seus corpos. Sandra recusa-se veementemente a comer, refletindo precocemente a ditadura da cultura ocidental, segundo a qual, para serem bonitas e atraentes, as mulheres deveriam ser magras. Para o psiquiatra, Laura descreve o quadro anoréxico da filha como uma “dieta louca”,¹⁴ já que ela “[...] queria se parecer com aquelas modelos magricelas”¹⁵ (ALVAREZ, 1992, p.51), e ressalta: “Sandi estava um palito”¹⁶ (ALVAREZ, 1992, p.54).

De maneira análoga ao comportamento delirante de Yolanda, que passava o tempo citando versos e frases de livros clássicos, Sandi lia compulsivamente, conforme o relato de Laura:

[...] ela não largava um livro, lia, lia, lia. Era tudo o que fazia. [...] Tinha listas e listas de livros para ler. Achemos em seu diário. Depois que terminava um, ela o riscava da lista. Finalmente, nos disse por que não podia parar de ler. “Ela não tinha muito tempo de sobra. Tinha que ler todas as grandes obras da humanidade porque logo” — a mãe tomou coragem para dizer isso — “ela não seria humana”¹⁷ (ALVAREZ, 1992, p.54).

Observa-se que Sandi manifesta seu desejo através de uma simultânea rejeição de comida e devoração de livros. Esse comportamento doentio, obsessivo e descontrolado, como o de Yolanda, a escritora da família, por meio do qual ambas se apropriam das palavras alheias, mostra a dependência da linguagem por parte das irmãs (ADJARIAN, 2004, p.123). Embora o comportamento de uma seja o inverso do da outra, uma devora as palavras enquanto a outra as expele, em ambos os casos elas utilizam exatamente o recurso apreendido no exílio para exteriorizarem aquilo que as incomoda. E Sandi, como Yolanda também, recorre aos clássicos do gênero masculino, porém apenas os europeus — as leituras de Sandi abrangem não só as obras de Dante, Homero, Cervantes e Calderón de la Barca, como também de Freud, Darwin, Nietzsche e Erikson — enquanto Yolanda cita autores norte-americanos como Robert Frost, William Carlos Williams e Wallace Stevens. É relevante pensar nas falas de ambas as irmãs e o que revelam sobre seus valores e opiniões. Por que os clássicos? Por que apenas autores masculinos? Por que recorrer à literatura do “outro”? Sabe-se que tanto Alvarez quanto as irmãs García, especialmente Yolanda, foram iniciadas no campo literário nos Estados Unidos e sofreram imensa influência em seus trabalhos, razão pela qual Yolanda, em mais de uma passagem, faz menção a eles. Porém, ao citar autores canônicos norte-americanos ou europeus e do sexo masculino, elas estão justamente reforçando a crença na supremacia dos WASPs. Em seus momentos de delírio, tanto Yolanda quanto Sandra explicitam a submissão à literatura do colonizador e reforçam a condição de “outra” no país hospedeiro. O fato de as listas conterem apenas nomes de autores masculinos evidencia o sentimento de inferioridade de ambas, não reconhecendo que as mulheres já

have encouraged family forgetfulness and gratified the Garcías’ social(ized) desires, a double trauma of indoctrination into the American dream and of forced exile manifests in the adult bodies and (erotic) lives of Sandi and Yolanda”.

¹⁴ “crazy diet”.

¹⁵ “[...] wanted to look like those twiggy models”.

¹⁶ “Sandi was a toothpick”.

¹⁷ “[...] she wouldn’t put a book down, read, read, read. That’s all she did. [...] She had lists and lists of books to read. We found them in her journal. After she finished one, she crossed it off the list. Finally, she told us why she couldn’t stop reading. ‘She didn’t have much time left. She had to read all the great works of man because soon’ — the mother got up her courage to say it — ‘she wouldn’t be human’”.

estavam conseguindo alcançar os homens em vários aspectos, inclusive no literário. Esse fato revela também o quanto o patriarcalismo e a supremacia masculina ainda predominavam no inconsciente das irmãs. Embora elas já estivessem nos Estados Unidos há mais de uma década, elas não conseguiam desvencilhar-se da força que o sexo oposto exercia sobre elas.

Sandra personifica as mulheres que já foram em algum momento subjugadas e inferiorizadas pelo poderio masculino. Devo apontar também que essa manifestação de Sandra a respeito da dominação masculina tem como base não apenas o fato de ser mulher em uma sociedade machista e patriarcal, como a dominicana, mas também o trauma deixado pela ditadura do General Trujillo. Não há como apagar as lembranças e imposições inculcadas por esse ditador, que exigia, por exemplo, que todas as casas dominicanas tivessem seu retrato na parede e que o tratassem como “pai” ou “benfeitor”. Em relação às mulheres, o comportamento de Trujillo era também bastante perverso e tirânico. Sabe-se que ele escolhia a dedo as jovens mulheres com as quais gostaria de se relacionar e, caso a família se manifestasse contra, havia represálias graves e violentas, fazendo com que essas moças fossem literalmente forçadas a serem entregues ao tirano para seu deleite. Embora as meninas García fossem jovens demais para carregarem as marcas da tirania e crueldade de Trujillo e não tivessem sofrido diretamente nenhum tipo de intimidação por parte dele ou de seus capangas, não há como separá-las do contexto histórico que as levou para o exílio, tampouco como desprezar o quanto seus pais — especialmente Carlos — ficaram fortemente traumatizados pela ditadura em seu país. De acordo com Fatima Mujčinović (2004, p.13),

[...] o passado assombrador sempre retorna para desordenar e romper o presente enunciativo, causando mais perplexidade em se autodefinir. O trauma duplica-se e torna-se transmissível à medida que a vitimização política entrelaça-se à opressão cultural e essa camada de trauma é passada para as novas gerações. Dessa maneira, o condicionamento geopolítico continua a deixar sua marca no processo de formação identitária apesar das mediações temporais e espaciais.¹⁸

Portanto, no caso de Sandra, os traumas deixados pelo regime trujillista e presentes na figura paterna foram transmitidos para a próxima geração, fazendo com que, no exílio, eles se manifestassem através da leitura compulsiva e do distúrbio alimentar. De fato, a leitura de autores consagrados masculinos inconscientemente revela o medo de Sandra de se opor a esse mundo comandado pelos homens e a perpetuação de um modelo imposto quando ainda era criança. Romper com esse paradigma exigiria mais tempo no exílio, mais segurança e confiança, duas características notoriamente complexas e difíceis de serem desenvolvidas por indivíduos que vivem no exílio, e um corpo supostamente menos frágil. Vale lembrar que, embora o corpo de Sandra estivesse, naquele momento, bastante debilitado pela anorexia, era também um corpo já fragilizado devido à sua preocupação em se manter magra conforme os padrões culturais e sociais presentes na sociedade norte-americana, na segunda metade do século XX. A anorexia desenvolvida pela menina também se manifesta linguisticamente. Há algumas menções à linguagem de Sandra na explicação metafórica que Laura fornece ao médico para justificar a internação da filha em um hospital psiquiátrico: “[...] ela está fazendo uns sons horríveis como se ela fosse um zoológico”¹⁹ (ALVAREZ, 1992, p.55). Percebe-se aí, primeiro, o incômodo familiar que a condição de Sandra acarreta. Para os pais,

¹⁸ “[...] the haunting past always returns to displace and rupture the enunciative present, causing more perplexity in self-definition. The trauma becomes doubled and transmissible as political victimization intertwines with cultural oppression and this layering of trauma is passed on to new generations. In this fashion, the geopolitical conditioning continues to assert its mark in the process of identity formation in spite of temporal and spatial mediations”.

¹⁹ “[...] she’s making these awful sounds like she’s a zoo”.

as dietas rígidas que Sandra seguia, aliadas ao fato de ela não emitir sons compreensíveis, são sinais claros de que a filha não está no seu mais perfeito juízo. Segundo, o distúrbio, a princípio apenas alimentar, acaba afetando uma outra área neurológica, demonstrando como a linguagem, uma das capacidades mais importantes desenvolvidas pelo ser humano, também pode regredir a um estágio primitivo, semelhante à dos animais, como manifestação de um estado interno. A incapacidade de emitir frases inteiras, coerentes e “humanas” reflete a impossibilidade e a não aceitação, por parte de Sandra, de se inserir e se manter em um mundo complexo, no qual as pessoas se veem obrigadas a seguir certos padrões de comportamento e de estética.

Em relação à leitura compulsiva, comportamento que também gera um grande mal-estar nos pais, Sandra explica o porquê: “Ela nos disse que estava sendo expulsa da raça humana. Ela estava se transformando em um macaco”²⁰ (ALVAREZ, 1992, p.54). Aqui, observa-se o processo psíquico de regressão, acima mencionado, pelo qual a personagem passa. A volta ao estágio mais primitivo do ser humano, um comportamento bastante instintivo, revela a busca de uma vida menos complexa e conflituosa, e o apego às leituras marca o seu medo de se perder, de perder uma certa lucidez, de se distanciar do mundo real. As leituras das obras dos maiores pensadores universais simbolizam a ligação com o mundo humano, racional e concreto. Sandra encontra na leitura uma estratégia de sobrevivência e uma forma de não se entregar totalmente à loucura. Esse comportamento também aponta para a condição inferiorizada do imigrante em terra estrangeira. Como Sandra, inúmeros imigrantes também se sentem próximos de um estado primitivo, como “macacos” mesmo, por não se encaixarem no padrão do país que os recebe. No caso dos latino-americanos nos Estados Unidos, há a questão racial, como também a financeira e a linguística. Todas elas contribuem para um sentimento de baixa autoestima, inadequação e não pertencimento.

Enfim, penso que, por meio da presente análise que aqui se fez, foi possível explicitar não só algumas angústias vivenciadas pelas duas irmãs, mas também determinadas formas que ambas encontraram para lidar com os percalços oferecidos pelo exílio. Não seria demais assinalar ainda que o período que passaram em um hospital psiquiátrico corrobora os sentimentos de inadequação e deslocamento e confirma para nós sua existência, tão comum entre os sujeitos exilados. Afinal, eles se encontram no exato lugar que é, por excelência, o da fragmentação, da insegurança e do não pertencimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADJARIAN, M. M. *Allegories of desire: body, nation, and empire in modern Caribbean literature by women*. Westport, Conn.: Praeger, 2004.

ALVAREZ, Julia. *How the García girls lost their accents*. New York: Plume, 1992.

ALVAREZ, Julia. *¡Yo!* New York: Plume, 1997.

GÓMEZ-VEGA, Ibis. Hating the self in the “other” or how Yolanda learns to see her own kind in Julia Alvarez’s *How the García girls lost their accents*. *Intertexts*, v. 3, n. 1, p. 85-96, 1999.

MUJČINOVIĆ, Fatima. *Postmodern cross-culturalism and politicization in U. S. Latina literature: from Ana Castillo to Julia Alvarez*. New York, NY: Peter Lang Publishing, 2004.

²⁰ “She told us that she was being turned out of the human race. She was becoming a monkey”.

ROSARIO-SIEVERT, Heather. Anxiety, repression, and return: the language of Julia Alvarez. *Readerly/Writerly Texts*, v. 4, n. 2, p. 125-139, Spring-Summer 1997.

STEFANKO, Jacqueline. New ways of telling: Latinas' narratives of exile and return. *Frontiers*, v. 17, n. 2, p. 50-69, 1996.